

A DUPLICAÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO

THE DUPLICATION IN JOSÉ SARAMAGO

Moema Najjar Diniz¹

¹ Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

RESUMO: Este artigo analisou o tema da duplicação das personagens do romance alegórico *O homem duplicado*, de José Saramago à luz de teóricos críticos da sociedade atual, de consumo/líquido-moderna para Bauman e do desempenho para Byung-Chul Han. Por meio da ficção, o escritor encena o esfacelamento da singularidade, a aniquilação da identidade e a transformação de pessoas mercadoria, colocando em xeque os valores e desafios trazidos pelo capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Duplicação; Sociedade; Aniquilação; Identidade; Mercadoria; Capitalismo

ABSTRACT: This article raised a debate about duplication of the characters from the allegorical novel *The Double*, by José Saramago in light of Bauman's theory of consumer society and Byung-Chul Han's performance society. Through fiction, Saramago stages the dismantling of singularity, the annihilation of identity, the transformation of people in merchandise and calls into question values and challenges of capitalism.

KEYWORDS: Duplication; Society; Annihilation; Identity; Merchandise; Capitalism

INTRODUÇÃO

Com sua peculiar ironia em uma obra densa, José Saramago, o único escritor de língua portuguesa a vencer o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, nos traz o que ele próprio classifica como obra de sua segunda fase: o homem no encontro com ele mesmo. É com o viés da crise, ao trazer o eu das profundezas, que chegamos em nosso objeto de estudo, o romance *O homem duplicado*. Este estágio é descrito pelo autor como uma passagem em seu trabalho da “superfície para o centro da matéria” (SARAMAGO, 2013, p. 86), já que, até então, seu olhar estava voltado para a relação entre o homem e o meio em que vivia, o que ele próprio denomina de “exterior da estátua” (SARAMAGO, 2013, p. 86).

A primeira fase seria finalizada com *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e a segunda seria inaugurada com *Ensaio sobre a cegueira* (1995). A partir de 1995, o escritor português iniciou um movimento de interiorização em sua ficção, onde o foco primordial passa a ser os conflitos internos do homem em detrimento dos famosos romances históricos que lhe deram grande visibilidade.

Na biografia do escritor elaborada por João Marques Lopes e publicada no Brasil em 2010, há um capítulo destinado às obras de Saramago que possuem um enfoque crítico e reflexivo sobre a sociedade contemporânea. *O homem duplicado* (2002), está inserido neste rol e sugere que “talvez a globalização do nome e da obra do escritor, anterior, concomitante e posterior ao Prêmio Nobel, tenha também contribuído nessas sendas de ressimplicação e universalização do processo narrativo” (LOPES, 2010, p. 240). Ou seja, após ser lido e conhecido em boa parte do mundo, não só a temática da História portuguesa lhe interessava, mas uma tônica mais abrangente. Desde então, buscou tratar de assuntos universais que pudessem dialogar com todos os leitores, como as relações de consumo, a ética, a democracia e, em nosso objeto de estudo, “a opacidade da identidade do eu a si próprio” (LOPES, 2010, p. 140) nas questões referentes à duplicação (ou apagamento?) trazidas à cena.

No romance, Tertuliano Máximo Afonso é um professor de História e Antônio Claro, um ator coadjuvante de cinema. Poderiam nunca ter se encontrado, mas seus universos paralelos se cruzam e a crise se instaura. O professor, ao assistir a um filme

indicado por um colega de trabalho, descobre, de forma inusitada, que é um homem duplicado. Ele se reconhece em outro corpo, idêntico ao dele próprio – um dos atores secundários do filme é seu sócia. A partir daí, Tertuliano fica extremamente perturbado e se engaja na descoberta do mistério acerca desse outro que em tudo lhe parece.

Por meio de ricas imagens e ritmo lento, a obra questiona a identidade em um mundo que impõe padrões cada vez mais rígidos, buscando aniquilar a diversidade que espontaneamente trazemos como seres humanos. A temática do duplo adquire aqui contornos de crítica social, aprofunda questionamentos existenciais e demonstra a inquietação do autor diante do mundo moderno. Influenciado pelos temas da época, como o debate ético sobre a realização da clonagem de animais e as possíveis aplicações aos seres humanos, o avanço da mediatização e a globalização, Saramago nos trouxe em 2002 essa instigante e complexa trama envolvendo suas personagens. Por apresentar grande opacidade, possibilitou muitas discussões, leituras, críticas, chegando às telas de cinema em 2013, adaptado pelo diretor canadense e amante de ficções científicas, Denis Villeneuve. O filme contou com atuação de Jake Gyllenhaal nos papéis dos duplicados e ampliou ainda mais a discussão sobre a metáfora da duplicação, trazendo a ideia de que poderiam ser a mesma pessoa com transtornos de personalidade.

Desde o mito de Anfitrião (GUIMARÃES, 1972, p.46), na Grécia Antiga, até a atualidade – com a tecnologia que possibilita a criação de duplos (avatars) em jogos cibernéticos, o metaverso, perfis virtuais no *Facebook*, *Instagram* e outras mídias, a nova moda das harmonizações faciais, o crescente adoecimento mental – pode-se afirmar que o tema se renova e possibilita novas abordagens, percorrendo uma longa jornada desde a Antiguidade até os nossos dias. A duplicação, como bem observado por Silvia La Regina (2001, p.14), é um dos assuntos mais fiéis para traduzir as angústias, dúvidas e questionamentos que expressam a cisão da personagem do romance e do mundo contemporâneo.

Saramago, em vez de problematizar apenas a figura do duplo clássico que poderia tomar o lugar ou “roubar” o cônjuge alheio, parece antever, questionar e fazer-nos imaginar as possíveis implicações práticas da clonagem, da mediatização, da inteligência artificial, dos padrões de beleza e da coisificação humana, complexificando a discussão sobre o progressivo apagamento do eu, das identidades e das culturas locais.

A DUPLICAÇÃO

“O caos é uma ordem por decifrar” (SARAMAGO, 2002, p.8). Por meio da citação do *Livro dos contrários* – uma obra inexistente criada pelo autor e sempre referenciada em suas epígrafes – principiamos a interpretação desse intrincado jogo. O anúncio enigmático nos dá pistas sobre o que poderá vir pela frente, provavelmente algum mistério a ser desvendado por nós, leitores, ou pelas personagens. Iniciado *in media res*, o narrador nos leva ao exato momento em que nosso protagonista está entrando em uma locadora à procura de um filme. Além dessa informação, o primeiro ponto destacado é o mal-estar sentido pela personagem em relação a seu prenome:

O homem que acabou de entrar na loja para alugar uma cassete vídeo tem no seu bilhete de identidade um nome nada comum, de um sabor clássico que o tempo veio a tornar rançoso, nada menos que Tertuliano Máximo Afonso. Ao Máximo e ao Afonso, de aplicação mais corrente, ainda consegue admiti-los, dependendo, porém, da disposição de espírito em que se encontre, mas o Tertuliano pesa-lhe como uma lousa desde o primeiro dia em que percebeu que o malfadado nome dava para ser pronunciado com uma ironia que podia ser ofensiva. (SARAMAGO, 2002, p.9)

O fato de ter dificuldades com o próprio nome é indício de uma possível crise identitária, visto que o ato de nomear é um dos principais meios de afirmação de identidade, distinção, contraste, reconhecimento e promoção da singularidade no mundo. Ao rejeitar o principal signo atribuído a si por vergonha, a personagem passa por situações embaraçosas e desgastantes, tentando evitar, sempre que possível, sua pronúncia e escrita. O narrador nos fala de uma dor antiga e prováveis ofensas sofridas relacionadas à alcunha “Tertuliano” que o fazem denominá-lo “malfadado”. O nome, para ele, é um símbolo de humilhação e mencioná-lo é tocar nessa ferida.

Feitas as devidas apresentações em relação ao mal-estar, mais à frente descobrimos que a personagem está em conflito em quase todos os aspectos de sua vida:

Para se ter uma ideia clara do seu caso, basta dizer que esteve casado e não se lembra do que o levou ao matrimônio, divorciou-se e agora não quer nem lembrar-se dos motivos por que se separou.

Em troca não ficaram da mal sucedida união filhos que andassem agora a exigir-lhe grátis o mundo numa bandeja de prata, mas à doce História, a séria e educativa cadeira de História para cujo ensino o chamaram e que poderia ser seu embalador refúgio, vê-a ele desde há muito tempo como uma fadiga sem sentido e um começo sem fim. (SARAMAGO, 2002, p.9)

Divorciado sem saber o porquê, sem filhos, desgostoso com a profissão, o professor de História do ensino médio assim nos é apresentado pela narrativa – como um ser humano comum – o que é caro a Saramago, já que seus personagens dificilmente são heróis.

Nota-se também, em boa parte dos romances do autor, que uma grande tendência de sua figuração é ligar os personagens à palavra, lida ou escrita, bem como, um diálogo constante do narrador e das personagens com um dos seus temas principais, a História. Esta, via de regra, é questionada e revestida de uma nova camada de sentido. O romance saramagueano procura agregar novos pontos de vista a um tipo de discurso que frequentemente reflete somente a posição das classes mais favorecidas, responsáveis pela fixação da “verdade histórica”. Como o próprio autor descreve a Reis (1998, p.58), a História que se apresenta como uma espécie de “lição” e vinda da classe dominante é a que procura questionar em sua ficção. A insatisfação de Tertuliano com a profissão encena esse jogo.

Interessante é notar que nada lhe motiva e o fato de não querer lembrar as razões do divórcio denotam uma fuga de se autoconhecer e compreender o outro:

Na verdade, Tertuliano Máximo Afonso anda muito necessitado de estímulos que o distraiam, vive só e aborrece-se, ou, para falar com a exactidão clínica que a actualidade requer, rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida por depressão (SARAMAGO, 2002, p.9)

Com este trecho, já não há mais dúvidas sobre a crise representada pela insatisfação com o prenome inicialmente. Tertuliano não somente está entediado, desmotivado e descrente, como também está em depressão e evita entrar em contato com essa dor, procurando estímulos superficiais para distraí-lo. O fato de morar

sozinho demonstra aqui a falta de interesse e habilidade para lidar com o outro e consigo mesmo (divorciou-se e não quis ter filhos). Ele procura distrações externas como uma fuga, pois estar dentro dele não tem sido uma experiência agradável. O narrador faz questão de salientar que a fraqueza de ânimo vivida pela personagem é *ordinária e temporal*, ou seja, tem a ver com a época e com os desafios comuns que lhe são peculiares.

Aqui, Saramago, grande promotor da crítica ao capitalismo por meio de suas obras e vida (foi filiado ao Partido Comunista Português), ao dizer que o problema tem a ver com o momento vivido, parece denunciar o drama atual dos indivíduos do que denomina o sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, como sociedade líquido-moderna ou sociedade de consumidores. Segundo ele, no século XXI, o consumo é um investimento que serve para aumentar o “valor social” e a autoestima das pessoas. O objetivo crucial nessa sociedade não é a satisfação de necessidades, desejos e vontades, mas a comodificação ou recomodificação dos consumidores, ou seja, elevá-los da condição de consumidores ao de mercadorias vendáveis (BAUMAN, 2008, p.76).

A sociedade anterior denominada por ele de “sociedade de produtores” era direcionada para a segurança, disciplina e ordem. Nesta, buscava-se obter bens duráveis como imóveis e joias, que remetiam ao status de poder, conforto e reconhecimento social. Os casamentos eram para toda a vida e a procura de segurança, a palavra de ordem contra as incertezas do destino.

A passagem de uma sociedade para a outra foi gradual. Houve a emancipação dos indivíduos das condições originais de não escolher, passando posteriormente para uma escolha limitada e, enfim, para uma sociedade de escolha ilimitada. Pode-se escolher o que melhor se adéqua de acordo com as necessidades do momento.

Como os reais sentimentos e desejos não são analisados e considerados importantes, um dos sintomas dessa sociedade, segundo o autor, é a sensação de solidão, mesmo estando constantemente conectado e envolto por estímulos externos. O costume de lidar com pessoas somente por meio da comunicação mediatizada (ligações, mídias sociais, e-mails e vídeo chamadas), faz com que os indivíduos percam o traquejo para as relações sociais e fiquem cada vez mais sozinhos e melancólicos:

Podemos acrescentar que a nova separação espiritual e a recente ausência física do cenário do lar tornam os trabalhadores homens e mulheres, impacientes com os conflitos, sejam eles grandes, pequenos ou simplesmente minúsculos e insignificantes, que se misturar sob um mesmo teto inevitavelmente provoca.

Como as habilidades necessárias para conversar e buscar entendimento estão diminuindo, o que costumava ser um desafio a ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si. Ocupados em ganhar mais dinheiro em função de coisas de que crêem precisar para serem felizes, homens e mulheres têm menos tempo para a empatia mútua e para negociação intensas, por vezes tortuosas e dolorosas, mas sempre longas e desgastantes. E ainda menos para resolver seus mútuos desentendimentos e discordâncias. Isso aciona outro círculo vicioso: quanto mais obtêm êxito em “materializar” a relação amorosa (como o fluxo contínuo de mensagens publicitárias os estimula a fazer), menores são as oportunidades para o entendimento mutuamente compassivo exigido pela notória ambigüidade poder/carinho do amor. Os membros da família são tentados a evitar o confronto e procurar uma pausa (ou, melhor ainda, um abrigo permanente) na briga doméstica (BAUMAN, 2008 p.153) .

Ao serem impulsionados a acumular sempre mais dinheiro para “comprar a felicidade”, homens e mulheres possuem menos tempo para solucionar conflitos e desenvolver habilidades de comunicação com o parceiro. Na sociedade moderna, os relacionamentos são duais e objetificados, ao mesmo tempo há um estímulo constante para se “ter” alguém emitido pela publicidade e pelas mídias sociais, porém essas relações são superficiais, com pouca disponibilidade das pessoas para resolver as discordâncias e desentendimentos exigidos pelas relações. Quando começam os problemas, usa-se a lógica comercial de “trocar” o parceiro por outro “produto”.

Como a lógica de consumo é aplicada a tudo, o indivíduo vive em um sistema dual: de um lado o mercado desenvolve produtos até mesmo sem finalidade e, de outro, o sujeito em constante insatisfação busca consumir algo que lhe traga a felicidade.

É nesse contexto que parece estar Tertuliano ao nem se lembrar dos motivos do próprio divórcio e nem querer fazê-lo. Sua relação com a atual namorada também

é morna e distante, a ponto de sua existência ser somente revelada após decorridas noventa páginas do romance. As relações sociais aqui parecem frágeis e fragmentadas. O professor vive imerso em constante solidão e insatisfação com a profissão, o amor e a vida.

O ritmo lento da narração – em que a maior parte dos acontecimentos são comuns como acordar, ir ao trabalho, assistir a um filme, fazer ligações, cozinhar, sentir tédio – procura aproximar essa personagem à vida cotidiana do leitor com seus anseios, fraquezas, inseguranças e hábitos rotineiros. Essa estrutura parece ser proposital para criar o choque/quebra de expectativas de romance realista (no sentido de aproximação com o real) provocado pela descoberta do duplicado.

A partir do momento em que menciona seu tédio para o colega de matemática e este lhe sugere um filme para que se distraia, há uma transformação perceptível no comportamento da personagem. O que poderia ser apenas um momento de entretenimento, se transforma em uma crise que passa a movê-lo. Tertuliano assiste ao filme e encontra na tela uma face semelhante à sua, um corpo que em tudo parece com o seu e, a partir desse momento, o sujeito que já vivia um conflito consigo é duramente confrontado com uma fisionomia aparentemente idêntica fora de si. O ator coadjuvante do filme sem graça que assistiu por distração é uma espécie de cópia dele mesmo.

A crise se intensifica e vemos a personagem atacada pelo nervosismo, ansiedade e desespero. Sua maior reflexão é que se existe a duplicação possivelmente um será o original e o outro, a cópia: “Serei mesmo um erro, perguntou-se, e, supondo que efectivamente o sou, que significado, que consequências para um ser humano terá saber-se errado.” (SARAMAGO, 2002, p. 28). O pavor de ser o equívoco (a cópia) nesse peculiar caso nunca antes visto na face da Terra passa a assombrá-lo e até ver o próprio rosto lhe agride. Nessa mesma face, desenha com um auxílio de uma caneta o bigode usado pelo duplicado no filme (p.37). É como se a partir desse momento, ele já não soubesse onde começa a si mesmo e termina o outro.

O desespero, o medo, o desejo de identificar essa outra imagem torna-o obsessivo como se isso fosse lhe devolver um pouco de sua lucidez. Tertuliano volta à locadora e compra o filme que assistiu, além de alugar outros trinta e seis títulos da mesma produtora. Algo que seria natural ao ser humano (decisão), surge como um

importante passo para quem nunca o tomava anteriormente. Exemplo temos em seus relacionamentos, pois sua esposa foi quem terminou o casamento e Maria da Paz, com quem tem uma relação que se arrasta, não sabe o quer e realmente sente “(...) romper a sua relação com Maria da Paz seria difícil de conduzir e certamente muito mais difícil de rematar.” (SARAMAGO, 2002, p. 98). Tomar uma decisão tão importante é novidade e um Tertuliano diferente vai sendo, aos poucos, desenhado. O padrão de calma, lentidão, inércia, tédio, ancoramento na realidade e racionalidade, com a descoberta do duplo, é quebrado.

Irritado com a situação, ele sai rapidamente em busca de respostas, sem, contudo, examinar racionalmente o caso. Para alguém que se mostrava, até então, calmo e culto, por que não procurar uma resposta para a duplicação na ciência, tão admirada por ele, um professor? Esta, sem dúvida, não é uma personagem previsível e o que vemos nesta fase é a predominância dos instintos.

Tertuliano busca meios de alcançar o homem da ficção e seu objetivo é apenas encontrá-lo. Em nenhum momento o narrador deixa claro qual o objetivo desse encontro, se é que de fato o tem. Suas ações parecem automatizadas, como uma máquina que procura um dado. O que paira em sua cabeça é apenas que lhe falta ainda o nome do rival e suas estratégias são somente para alcançá-lo. Ele sabe que existe alguém com um rosto igual ao seu, mas precisa ainda descobrir sua real identidade. A procura, nesse momento, se intensifica “(...) pensando alternativas, medindo opções, estimando variantes, antecipando lances, como um mestre de xadrez.” (SARAMAGO, 2003, p. 118).

Para Santos (2006), Tertuliano está passando por uma crise identitária que se agrava com a descoberta do duplo, levando a uma disputa para ocupar o espaço do que ele considera o “original”:

Essas incoerências de atitudes revelam um indivíduo cindido, que não possui uma identidade íntegra, fato que reforça a ideia de crise que se abate sobre o sujeito. A identificação fica mais abalada com a descoberta do duplo, como se por existir uma pessoa fisicamente igual a si não restasse mais nada da essência do próprio eu. Assim, Tertuliano Máximo Afonso e António Claro disputam entre si a qualidade do original, tentando a anulação do outro numa postura egocêntrica, narcísica. (SANTOS, 2006, p. 153)

Em seu livro *Objecto Quase* publicado originalmente em 1978, encontramos nos contos *Coisas e Embargo*, críticas explícitas à sociedade de consumo, em que humanos diluem (ou são diluídos?) suas fronteiras e rapidamente se transformam em objetos. Em *O homem duplicado*, a crítica se dá de forma opaca e indireta.

Com o avanço da globalização, segundo o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2010, p.73), foram naturalizadas as experiências, identidades e relações históricas da colonialidade e da distribuição geocultural do poder capitalista mundial. Esse modo de conhecimento foi, pelo seu caráter e pela sua origem, eurocêntrico. Denominado racional, foi imposto e admitido no conjunto do mundo capitalista como a única racionalidade válida e como emblema da modernidade. Nesse sistema, há um apagamento contínuo das singularidades, das culturas locais e uma imposição da identidade europeia e, atualmente, estadunidense como as únicas possíveis. Por outro lado, o que Saramago parece querer nos dizer é que com o avanço do capitalismo, não somente os cidadãos de países em desenvolvimento e orientais são violentados para seguir estas normas, mas os indivíduos de todo o mundo são pressionados para se enquadrar nos padrões estéticos, sociais, culturais e outras fórmulas de ser e estar no mundo. Cria-se uma ditadura da aparência, do consumo, das relações, da vida e o risco de não obedecê-las é a exclusão.

Para Tertuliano, que está entre a cruz e a espada com o surgimento do duplo, a solução parece clara: com a ameaça de existir outro igual, um deles deve morrer. Ao encontrar Antônio pessoalmente, descobre que nasceu depois. A informação o choca e perturba, porque assim, ele seria o duplicado (cópia) e não o outro. O fato de Antônio ter um carro (símbolo de poder na sociedade de consumo) mais potente e ultrapassá-lo na volta para casa também é um sinal de aviltamento para ele. Humilhado, envia o disfarce (barba postiça) usado no encontro à casa de Antônio, que o recebe em tom de provocação como se precisasse andar fantasiado por não ser o “original”. A angústia, a raiva e a tensão entre os dois aumentam, apesar de terem combinado um corte permanente na comunicação.

Antônio, tomado pela ira do disfarce, procura pela namorada do professor, Maria da Paz, como forma de vingança. Ao saber da afronta, Tertuliano se dirige à casa do ator para dormir com sua esposa, Helena. Nessa dança das cadeiras, o professor ao

ler o jornal na casa de Antônio no dia seguinte, descobre que sua namorada e o rival se envolveram em um acidente de carro e perderam a vida na noite anterior. Com o agravante de que o duplicado estava com os objetos de Tertuliano (roupa, carro e documentos) e, assim, o professor é impedido de assumir sua própria identidade, sendo obrigado a transformar-se em Antônio. Nosso protagonista descobre, da pior forma, que não era necessário morrer no mesmo momento em que o outro, como acreditava “rezar a lenda” em virtude de outras histórias tradicionais sobre duplicados. De certa forma, para ele, é como se tivesse vencido a duplicação. Quando julgávamos, no entanto, que tudo estivesse resolvido, o narrador nos surpreende ao final do romance:

O telefone tocou. Sem pensar que poderia ser algum dos seus novos pais ou irmãos, Tertuliano Máximo Afonso levantou o auscultador e disse, Estou. Do outro lado uma voz igual à sua exclamou, Até que enfim. Tertuliano Máximo Afonso estremeceu, nesta mesma cadeira deveria ter estado sentado António Claro na noite em que lhe telefonou. Agora a conversação vai repetir-se, o tempo arrependeu-se e voltou para trás. É o senhor Daniel Santa-Clara, perguntou a voz, Sim, sou eu, Andava há semanas à sua procura, mas finalmente encontrei-o, Que deseja, Gostaria de me encontrar pessoalmente consigo, Para quê, Deve ter reparado que as nossas vozes são iguais, Parece-me notar uma certa semelhança, Semelhança, não, igualdade, Como queira, Não é só nas vozes que somos parecidos, Não entendo, Qualquer pessoa que nos visse juntos seria capaz de jurar que somos gémeos, Gémeos, Mais que gémeos, iguais, Iguais, como, Iguais, simplesmente iguais, Acabemos com esta conversa, tenho que fazer, Quer dizer que não acredita em mim, Não acredito em impossíveis, Tem dois sinais no antebraço direito, um ao lado do outro, Tenho, Eu também, Isso não prova nada, Tem uma cicatriz debaixo da rótula esquerda, Sim, Eu também. Tertuliano Máximo Afonso respirou fundo, depois perguntou, Onde está, Numa cabina telefónica não muito longe da sua casa, E onde posso encontrá-lo, Terá de ser num sítio isolado, sem testemunhas, Evidentemente, não somos quaisquer fenómenos de feira. A voz do outro lado sugeriu um parque na periferia da cidade e Tertuliano Máximo Afonso disse que estava de acordo, Mas os carros não podem entrar, observou, Melhor assim, disse a voz, É essa também a minha opinião, Há uma parte de bosque depois do terceiro lago, espero-o aí, Talvez eu chegue primeiro,

Quando, Agora mesmo, dentro de uma hora, Muito bem, Muito bem, repetiu Tertuliano Máximo Afonso pousando o telefone. Puxou uma folha de papel e escreveu sem assinar, Voltarei. Depois foi ao quarto, abriu a gaveta onde estava a pistola. Introduziu o carregador na coronha e transferiu um cartucho para a câmara. Mudou de roupa, camisa lavada, gravata, calças, casaco, os sapatos melhores. Entalou a pistola no cinto e saiu. (SARAMAGO, 2002, p. 315-6)

Tertuliano, enfim, já não era mais ele mesmo somente na aparência, mas também na personalidade. Além de assumir a esposa e a profissão de Antônio, também passou adotar suas atitudes - o ator é quem compareceu armado ao encontro dos dois em uma casa de campo anteriormente. No entanto, ao julgar ter se livrado da angústia da duplicação com a morte do rival, a situação se repete, como um círculo vicioso. Um terceiro homem que afirma ser idêntico a si lhe telefona e solicita um encontro.

Com isso, nosso protagonista parece estar lançado a uma maldição da qual não consegue se livrar. Ao julgar vencer a duplicação e, enfim, assumir uma identidade, outros virão e o farão perdê-la constantemente. Desnortado, já não sabe mais quem é “puxou uma folha de papel e escreveu sem assinar (SARAMAGO, 2002, p.316)”, ciente de que o processo de duplicação (ou apagamento?) é mais forte do que ele.

De acordo com o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han, a sociedade do século XXI não é mais a outrora sociedade disciplinar e de controle, denunciada por Foucault no século XX, mas uma sociedade do desempenho. Nela, seus habitantes também não são mais sujeitos de obediência, mas sujeitos de desempenho e de produção. Há na contemporaneidade um constante apagamento da negatividade (outro), a diferença, em detrimento da positividade (eu), o igual:

A sociedade de desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar da proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (HAN, 2015, p.14)

Segundo ele, o que causaria essa depressão e a sensação de fracasso seria o imperativo de obedecer e depender apenas de si mesmo para obter sucesso, ao contrário do que era pregado no século anterior, em que a autoridade, o controle e as cobranças nos eram impostas de fora (Igreja, família, escola, hospitais, presídios, etc.). A sociedade anterior via o outro como ameaça, como diferença (negatividade) e assim fortalecia a positividade (eu) e contribuía, mesmo que de forma deturpada, para a criação da alteridade.

Com a progressiva diluição de fronteiras, a hiperexposição das mídias sociais, o estímulo do consumo de turismo e o encurtamento das distâncias pela tecnologia dos vôos à jato, esse outro ameaçador e estranho desaparece. Porém, a consequência dessa mudança é que quando o outro desaparece, eu também desapareço, visto que só sei o que sou a partir desse outro em que não me vejo.

Por meio da crescente desregulamentação e a criação da ideia capitalista do *Yes, we can*, o foco do controle e das cobranças passa do outro para o eu. Se todos nós podemos, só depende de cada um de nós chegar lá. A mudança de uma agressão vinda do outro para uma agressão autoimposta, segundo Han (2015, p.16), leva os sujeitos a entrarem em guerra com eles mesmos e a uma autoacusação destrutiva. A depressão seria o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade (“tudo é permitido”, “o outro não existe”). Outro tipo de doença comum dessa sociedade é a hiperatividade decorrente de uma hiperatenção e da intolerância ao tédio:

Os desempenhos culturais da humanidade, dos quais faz parte também a filosofia, devem-se a uma atenção profunda, contemplativa. A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda. Essa atenção profunda é cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo (HAN, 2015, p.19)

Tertuliano encena a depressão e a intolerância ao tédio caros à sociedade de desempenho. Em vez de criar ou procurar conhecer-se usufruindo de um momen-

to de pausa, sente-se incomodado e tenta ocupar-se, entreter-se a qualquer custo, sem investigar sua condição (divórcio, depressão, relacionamentos, problemas com a profissão). Ao tentar fugir de si por meio de distrações, descobre que é como todos (duplicado).

Mesmo ao deparar-se com a duplicação não notamos um aprofundamento, reflexão ou busca criativa por respostas. Age (ou reage) somente por impulso, apresentando rápida mudança de foco entre diversas atividades – da inércia à busca insensata por Antônio. Seu espírito, como dito pelo narrador, é vagueador e indeciso, sua atenção é dispersa:

De uma personalidade como se tem vindo a anunciar a deste Tertuliano Máximo Afonso, que já deu algumas mostras de espírito vagueador, e até algo evasivo, no pouco tempo que leva de conhecido não causaria surpresa neste momento uma exibição de conscientes simulações consigo mesmo, folheando os exercícios dos alunos com falsa atenção, abrindo o livro na página que a leitura havia ficado interrompida, mirando desinteressado a cassete por um lado e pelo outro, como se ainda não tivesse decidido sobre o que finalmente quererá fazer. (SARAMAGO, 2002, p.19)

Vemos também que a insatisfação com a profissão e a depressão estão interligadas e são provenientes dessa autoexploração imposta pelo próprio sujeito:

Já percebi por que é que você se aborrece, Por quê, Porque não há nada que o contente, Contentar-me ia com pouco, se o tivesse, Algo terá por aí, uma carreira, um trabalho, à primeira vista não lhe encontro motivos para lamentos, É a carreira e o trabalho que me têm a mim, não eu a eles, Desse mal, na suposição de que realmente o seja, todos nos queixamos, também eu queria que me conhecessem como um génio da Matemática em lugar do medíocre e resignado professor de um estabelecimento de ensino secundário que não terei outro remédio que continuar a ser, Não gosto de mim mesmo, provavelmente é esse o problema. (SARAMAGO, 2002, p.14)

Ao passar da sociedade do “dever-fazer” para o “poder-fazer”, vive-se com a angústia de não fazer tudo o que poderia ser feito, de que se é um sujeito medíocre

enquanto se poderia ser gênio. Como a repressão não vem mais de fora, e sim, de dentro, a raiva do indivíduo é direcionada a ele mesmo.

Para Han, a falta de negatividade e do apagamento do outro pode gerar consequências ainda mais graves. Em seu livro *A agonia do Eros* (2017), o autor nos diz que até mesmo as relações amorosas, influenciadas em boa parte pelo hiperconsumo de pornografia, estão se tornando somente sexuais devido à ausência de eros (alteridade). A libido é investida primordialmente na própria subjetividade:

A negatividade da transformação ou do totalmente outro é estranha à sexualidade. O sujeito sexual permanece sempre igual a si mesmo. Ele não se choca com nenhum *evento*, pois o objeto sexual de consumo não é o *outro*. Por isso, ele jamais me coloca em questão. A sexualidade está na ordem do *habitual*, que reproduz o *igual*. É o amor do *um* ao outro *um*. Falta-lhe por completo a negatividade da alteridade que espelha aquele “palco de dois”. A pornografia agudiza a habitualização, pois extingue totalmente a alteridade. Seu consumidor nem sequer possui um contraponto sexual. (HAN, 2017, p. 38)

Assim, correríamos o risco de não mais nos relacionarmos e enxergarmos o outro, mas somente a nós mesmos. Onde tudo é igual, não há troca. E é essa a tragédia que Saramago denuncia por meio de suas personagens. Como seria o mundo em que, cada vez mais, os homens estão duplicados?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trazer à cena uma personagem depressiva, insatisfeita, entediada, dispersa, superficial e duplicada, Saramago alegoriza por meio da ficção sua crítica aos sujeitos da chamada sociedade líquido-moderna, de Bauman ou sociedade do desempenho, de Han.

Diante dos imperativos do capitalismo por novos padrões a cada momento para o aumento do consumo, há uma constante reformulação das identidades, impostas pelo mercado, para incluir e excluir os sujeitos. Ao se verem obrigados a seguir as normas e tendências para evitar a exclusão, há um progressivo apagamento das

singularidades presentes em cada ser humano, o que os transforma, gradualmente, em objetos.

Estas seriam as razões da crise do ser contemporâneo representada por Tertuliano, que é manipulado pela crença de que pode tudo, mas se autoviolenta para se encaixar, passando a ser o carrasco de si mesmo. Como está progressivamente diminuindo sua capacidade de criar, de refletir criticamente, de sustentar a atenção, de se relacionar e de reconhecer a alteridade, perdeu a referência e já não compreende a existência do outro e de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. *A Agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes 2017.
- LA REGINA, Silvia. *Dois irmãos: o duplo e a tradição literária*. Veritati XII, Salvador, v. 2, p. 217-230, 2001.
- LOPES, João Marques. *Saramago: biografia*. São Paulo: Leya, 2010.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Editora Caminho, SA, Lisboa, 1998.
- SANTOS, Rosemary dos. *A recepção crítica de Todos os nomes e O homem duplicado*. São Paulo, 2006.
- SARAMAGO, José. *A estátua e a pedra: o autor explica-se*. Portugal: Fundação José Saramago, 2013.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. Portugal: Editora Caminho, 1995.
- SARAMAGO, José. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. Portugal: Editora Caminho, 1991.
- SARAMAGO, José. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SARAMAGO, José. *Objecto quase*. Portugal: Moraes Editores, 1978.
- GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- VILLENEUVE, Denis (Dir). *O homem duplicado*. Dolby digital, 2014. 1DVD.